

# O real é sexual:

## mal-estar na clínica lacaniana das psicoses

Paulo de Carvalho Ribeiro

A crítica ao caráter binarista imposto pelo estruturalismo à compreensão dos fenômenos psicóticos, bem como à separação demasiado taxativa entre *real* e *sexual*, conduz os seus próprios seguidores a revisar a abordagem de Lacan.

**E**m setembro de 1999 realizou-se em Belo Horizonte a *V Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Minas Gerais*, cujo tema, “*Há algo de novo nas psicoses*”, marcava de forma explícita seu alinhamento com o *Conciliábulo de Angers* (1996), a *Conversação de Arcachon* (1997) e a *Convenção de Antibes* (1998), eventos vinculados ao *Institut du Champ Freudien* e inteiramente dedicados à discussão das psicoses. Os principais trabalhos apresentados nessa Jornada, assim como a transcrição de alguns debates ocorridos entre os participantes, foram publicados na revista *Curinga*, órgão oficial da seção mineira da *Escola*. A natureza afirmativa do título dado ao evento e ao número correspondente da referida revista tem o poder de produzir um efeito de grande expectativa sobre qualquer pessoa interessada em psicopatologia. E mesmo fora do universo “psi”, poder-se-ia perguntar: quem não espera, há décadas, por algo realmente novo nas psicoses?

Curiosamente, numa conferência que traz o mesmo título do evento e do respectivo número da revista, Éric Laurent, convidado internacional e principal figura da

referida Jornada, inicia sua fala transformando a afirmação em pergunta e associando-a ao mal-estar:

“Há algo de novo nas psicoses? Já no título tudo está dito sobre o mal-estar. Não perguntamos se há uma teoria mais verdadeira da psicose; ninguém acredita mais no verdadeiro. O que se quer é algo novo.”<sup>1</sup>

A referência ao verdadeiro e ao novo nesta afirmação de Laurent não deixa de evocar um certo percurso de Lacan, na medida em que a “novidade” de uma teoria do gozo e do real, que domina seu pensamento nos anos 70, vem contrastar com a hegemonia do simbólico

Paulo de Carvalho Ribeiro é doutor em Psicanálise (Universidade de Paris 7), professor do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica e do Mestrado em Psicologia da UFMG; autor de *O Problema da Identificação em Freud*, São Paulo, Escuta, 2000.



nos anos 50, hegemonia esta totalmente atrelada a uma teoria da verdade, na qual o psicanalista era convocado como agente, ou seja, como mensageiro da verdade. É curioso observar, no entanto, que esse percurso que parte do amor à verdade como adequação ou como vela-mento-desvelamento para chegar ao inconsciente como cifra incompleta de um gozo que seresentifica nos restos e no vazio demora a produzir a plenitude de seus efeitos práticos. A clínica lacaniana das psicoses, em nosso meio, ainda se apoia preferencialmente na teoria da foracclusão do Nome-do-Pai, dando assim continuidade à hegemonia do simbólico e à concepção da psicose como déficit de significante. “Nome-do-Pai, sim ou não?” é uma indagação que já selou e continua a selar o diagnóstico e o destino de milhares de pessoas dentro e fora dos hospitais psiquiátricos.

## Mal-estar e revisionismo

Paralelamente a este descompasso entre as mudanças de enfoque teórico e as mudanças no cotidiano da clínica, constata-se que o declínio da foracclusão do Nome-do-Pai como princípio explicativo e organizador no campo das psicoses, ao contrário de se fazer acompanhar de uma adesão entusiasmada ao que é apresentado como novidade, produz um grande mal-estar e uma proliferação das indagações sobre as psicoses. No lugar da antiga certeza estrutural assegurada pela total confiabilidade atribuída ao conceito de foracclusão do Nome-do-Pai, assistimos à instalação de uma grande dúvida capaz de abalar até mesmo o sacrossanto bastião da clínica lacaniana, a saber, o caráter descontínuista das estruturas clínicas. Nada poderia ser mais estimulante para os que duvidam das certezas definitivas e acreditam menos nas verdades de qualquer teoria do que na necessidade de mantê-las cons-

tantemente sob suspeição. Surpreendentemente, no entanto, o desalojamento da foracclusão do Nome-do-Pai como princípio explicativo das psicoses não deveria, na visão de muitos estudiosos do pensamento de Lacan, levar ao abandono da hipótese descontínuista, segundo a qual existe uma delimitação nítida e estrutural entre neurose e psicose. Em outras palavras, o declínio do Nome-do-Pai como princípio organizador do campo psicopatológico deveria conviver com uma delimitação nítida das estruturas clínicas, preservando assim uma certa exatidão no diagnóstico e a possibilidade de determinados cálculos na abordagem clínica das patologias do psiquismo.

Neste sentido, as dificuldades provenientes da clínica, como a

designações fortemente carregadas de expectativas, curiosidades e, principalmente, de apreensões e questionamentos.

A esse respeito, não há como não se perguntar se, de fato, assistimos atualmente a um aumento real do número de casos chamados “inclassificáveis” ou se, na verdade, eles sempre existiram em grande número e simplesmente eram classificados, de forma mais ou menos arbitrária, devido ao constrangimento imposto por uma teoria que não admitia nenhuma manifestação psicopatológica não classificável como neurose, psicose ou perversão. Para aqueles que vêm acompanhando a prática lacaniana nos serviços de saúde mental, não é difícil constatar as inúmeras disputas e discordâncias em torno do diag-

A clínica lacaniana das psicoses segue dando continuidade à hegemonia do simbólico e à concepção destas como déficit de significante; “Nome-do-Pai, sim ou não”? continua a selar o diagnóstico e o destino de pessoas dentro e fora dos hospitais psiquiátricos.

constatação cada vez mais frequente de casos de psicose cujas manifestações psicopatológicas não correspondem ao que estabelece a teoria da foracclusão do Nome-do-Pai, desencadearam uma verdadeira corrida em busca de novos conceitos e articulações capazes de explicar os fatos observados. Uma nova clínica, dita “segunda”, e um novo Lacan, dito “2”, tornaram-se

nóstico de um grande número de usuários desses serviços. Há algumas décadas, o diagnóstico estrutural tem servido mais à confrontação de diferentes certezas sobre um mesmo caso do que ao estabelecimento de diagnósticos consensuais.

É possível, então, que os “neo-desencadeamentos”, as “neo-conversões” e a “neo-transferência”, bem como as noções de “desliga-



mento” (*débranchement*) e “clínica da conexão”, entre outras, traduzam muito mais uma mudança de enfoque teórico do que uma mudança significativa nas manifestações psicopatológicas da contemporaneidade. Em outras palavras, parece-nos muito mais provável que o abandono ou redimensionamento de certos pilares teóricos e a busca de outras formalizações tenham sido determinados muito mais pela exaustão da rigidez estrutural que governava a psicopatologia lacaniana do que por uma nosologia contemporânea específica, mesmo quando admitimos a existência desta última.

Não é sem propósito, portanto, que num dos debates da Jornada mineira, um dos presentes tenha empregado o termo “revisionismo” para designar as tentativas de analisar alguns casos clínicos apresentados sob a ótica da segunda clínica. Com efeito, uma apreciação de vários dos casos clínicos relatados não só pelos psicanalistas mineiros, mas também pelos franceses reunidos em Angers, Arcachon e Antibes conduz à forte impressão de que manifestações psicopatológicas fortemente sugestivas de neuroses clássicas, ou casos de psicose perfeitamente compatíveis com a teoria da forclusão do Nome-do-Pai foram procustianamente engessados nos moldes da segunda clínica. É o que transparece, por exemplo, quando Antônio Teixeira, membro da seção mineira da *Escola*, ao ser convidado a comentar, sob a ótica da forclusão generalizada (segunda clínica), um dos casos apresentados na Jornada mineira, não hesita em identificar, no relato que lhe foi apresentado, várias evidências da forclusão restrita (primeira clínica). Ponto de vista, ademais, corroborado por Éric Laurent.

A título de ilustração um pouco mais detalhada dessa tendência procustiana, julgamos pertinente retomar um relato de caso apresentado pela Seção Clínica de

Clermont-Ferrand durante a Convenção de Antibes.

Trata-se de um rapaz de dezoto anos, atormentado por pensamentos compulsivos que o fazem temer uma passagem ao ato. Inicialmente esses pensamentos giram em torno de uma possível auto-agressão com objetos cortantes ou

mente ele constata uma melhora da angústia relacionada à idéia de raspar a cabeça, uma das que mais o atormentavam. Reconfortado com este sinal de que era possível encontrar alívio por meio de um tratamento não medicamentoso, o paciente retoma suas atividades escolares enquanto o tratamento analítico

O abandono ou redimensionamento de certos pilares teóricos parecem ter sido provocados pela rigidez estrutural que tem governado a psicopatologia lacaniana.

perfurantes: cortar os cabelos, raspar a cabeça, cortar o pescoço, furar os olhos etc. Decorre daí uma forte angústia sempre que se encontra próximo desses objetos, e a necessidade imperativa de retirá-los dos ambientes freqüentados por ele. A tal ponto que sua permanência na escola torna-se impossível, visto que as canetas e outros materiais escolares bastam para desencadear as crises de angústia. Esses pensamentos compulsivos que, embora angustiantes, ainda eram suportáveis, tornam-se totalmente intoleráveis quando passam a incluir as outras pessoas, dentre as quais a mãe e outros familiares do paciente, como possíveis vítimas da agressão. É nesse momento que ele solicita que algum medicamento lhe seja dado. Entretanto, atendendo à sugestão do analista, um “tratamento pela palavra” é iniciado e rapida-

prossegue. Durante as sessões, ele mantém uma certa fixidez do olhar, presta muita atenção ao que acontece diante de seus olhos e descreve tudo rigorosamente, demonstrando assim uma atividade frenética de pensamento, porém desvinculada de qualquer sentido, como se ele fosse um espectador do automatismo de seus pensamentos. Contudo, as angústias relacionadas à possibilidade de ferir os olhos, o coração ou a garganta não cedem tão facilmente e determinam uma forma de defesa que o analista qualifica de “schreberiana”, ou seja, nas palavras do paciente: “eu consigo combater minhas idéias ocupando o espírito”. As conversas e barulhos de seus colegas na escola, o rádio deixado ligado em casa ou uma leitura em que o significado das palavras e frases é cuidadosamente recusado o ajudam a se prote-



ger contra a invasão dos pensamentos obsessivos.

Pois bem, este quadro clínico absolutamente sugestivo de uma neurose obsessiva clássica leva os relatores do caso a pensar em psicose:

“A questão da psicose se coloca para este sujeito com relação à fixidez do olhar, com relação à busca de uma castração no real, com relação à posição do sujeito como espectador, à distância, do *automaton* de seus pensamentos compulsivos, num contexto diferente daquele do ‘homem dos ratos’, dando lugar a uma descrição do processo invasivo e de suas variações, enfim por uma colocação em trabalho (*mise au travail*) para bordejar o buraco central, ‘à la Schreber’, mobilizando uma atividade de pensamento fora de sentido, barulhadas, um burburinho no real.”<sup>2</sup>

Obviamente não existe algo que possa ser considerado um caso clínico independente das narrativas e interpretações que procuram dar

evitando o significado das palavras uma evidência do “manejo, no real, da letra”, ou identificar uma “busca da castração no real” a partir da *idéia* de se ferir ou de ferir os outros, só pode ser uma questão de escolha, determinada, neste caso, pela necessidade de adequação a uma teoria que se quer confirmar. A afirmação de que o *automaton* dos pensamentos neste caso difere totalmente do que Freud pôde observar no “homem dos ratos” acaba por soar fortemente deneigativa se nos lembrarmos, por exemplo, da “jaculatória” que o paciente de Freud utilizava para evitar os pensamentos obsessivos ligados a Gisela.

Além deste caso, que nos parece particularmente ilustrativo do caráter revisionista da chamada “segunda clínica”, vários outros, relatados e discutidos nos eventos já mencionados, surpreendem pelo que trazem de manifestações clínicas perfeitamente compatíveis com diagnósticos de histeria ou de psicose clássicas. Esta constatação nos leva a supor que não se trata tanto

imposta pela necessidade de livrar a teoria da clínica de um certo privilégio do simbólico, em benefício de um enfoque centrado sobre o real e o gozo. Não se trata, portanto, de um declínio apenas da importância atribuída ao Nome-do-Pai, mas de um declínio da teoria do significante tomado como pura diferença e de uma valorização da dimensão de gozo embutida no próprio significante, juntamente com uma consideração preferencial de seu suporte material, não-fonético, a saber, a letra.

Podemos então suspeitar que os casos inclassificáveis ou raros e, de um modo geral, o que se convencionou denominar “segunda clínica” são muito mais a consequência de uma reforma teórica do que um fator determinante desta última. Resta então entender os motivos que levaram à reformulação da teoria.

## Constrangimento binarista

A lista desses motivos poderia ser extensa e talvez devesse fazer constar em seu início a evidente exaustão do estruturalismo e um certo enfraquecimento do simbólico, que ela acarreta. Sem pretender discutir em profundidade até que ponto Lacan pode ser considerado estruturalista<sup>3</sup>, dificilmente poder-se-ia desvincular sua teoria do significante do estruturalismo. A proximidade entre uma e outra coisa se evidencia, por exemplo, quando se constata que a teoria lacaniana do sujeito, ao contrário de excluir o ponto de vista estruturalista, requer a estrutura para ser formalizada<sup>4</sup>.

Paralelamente ao enfraquecimento do estruturalismo como modelo teórico nas ciências humanas, a crítica formulada por Derrida à concepção lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem teria também, certamente, seu lugar na lista dos motivos que levaram à mudança de ênfase teórica. Ao denunciar, por exemplo, que no

**A** crítica de Derrida à concepção lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem tem seu lugar na lista dos motivos que levaram à mudança de ênfase teórica.

lhe forma e significado. Convenhamos, no entanto, que a descrição das vivências desse paciente são todas nitidamente indicativas de um sofrimento neurótico grave, porém clássico. Querer ver no ato de ler

da necessidade de adequar a teoria às exigências de uma clínica supostamente contemporânea, perante a qual a forclusão do Nome-do-Pai teria revelado-se insuficiente, mas, principalmente de uma mudança



“Seminário sobre ‘A Carta Roubada’”, Lacan desconsidera todos os fenômenos de “duplo” em benefício de uma interpretação inteiramente fundada nas relações triádicas<sup>5</sup>, Derrida abala um dos pilares da teoria do inconsciente estruturado como uma linguagem e contribui, assim, para que o pensamento de Lacan se desloque da combinatória significante em direção ao real e ao gozo.

Um outro motivo, no entanto, nos parece, senão mais importante, pelo menos mais interessante, na medida em que se encontra estreitamente ligado às questões clínicas. Trata-se do que poderíamos chamar de constrangimento clínico do binarismo estrutural. O funcionamento binário, do tipo sim ou não, + ou -, 0 ou 1 etc., implica uma exatidão quase sempre incompatível com o funcionamento psíquico. É justamente esta resistência às oposições excludentes que faz, por exemplo, com que a oposição fálico/castrado seja, simultaneamente, uma parte das teorias sexuais infantis e uma parte daquilo que essas teorias procuram negar<sup>6</sup>. No caso específico da teoria lacaniana das psicoses, o constrangimento clínico a que nos referimos manifesta-se sobretudo na exigência de uma estrita conformação dos quadros psicóticos às conseqüências lógicas e estruturais da forclusão do Nome-do-Pai. Dentre essas conseqüências destacam-se as seguintes: 1) A *ausência de significação fálica*, já que o fracasso da metáfora paterna impossibilitaria a atribuição do desejo da mãe (do Outro) à sua condição de castrada, de não possuidora do falo. 2) O *desencadeamento*, ou seja, o caráter abrupto da instauração do quadro psicótico, decorrente de alguma circunstância na vida do sujeito em que o significante Nome-do-Pai foracluído é solicitado “em posição terceira”, isto é, “em oposição simbólica ao sujeito”. Assim pensada, a psicose não comportaria nenhuma “pré-história” e seu desencadeamento se daria ne-

cessariamente quando esse significante ausente no Outro, uma vez invocado, surgisse sob forma alucinatória no real. 3) A *metáfora delirante*, entendida como uma tentativa de compensação da ausência de significação fálica. A produção delirante cria uma modalidade alternativa (não fálica) de ordenação do gozo, como, por exemplo, a “ordem do universo” concebida por Schreber. 4) Os *fenômenos elementares*, a saber, alucinações, neologismos, automatismo mental, além do próprio delírio, todos eles decorrentes da ausência de um significante fundamental no Outro, dos efeitos desestruturantes dessa ausência e das tentativas de estancá-los ou compensá-los.

Além dessas conseqüências maiores da forclusão do Nome-do-Pai, uma outra, cuja presença na teoria é sensivelmente mais tímida, ressalta um aspecto da abordagem lacaniana das psicoses que consi-

Schreber, esse empuxo é visto como mais uma decorrência estrutural da ausência da significação fálica. A falta do significante *ser pai* e a impossibilidade de simbolização da função procriativa daí resultante teriam induzido Schreber ao erro de acreditar-se grávido como uma mulher, para assim realizar, imaginariamente, a função *ser pai*.

Sobre estes principais elementos da teoria lacaniana, é preciso dizer, logo de início, que eles têm o poder de captar aspectos essenciais e de organizar de maneira extremamente eficiente e operacional as manifestações, muitas vezes completamente atordoantes, das esquizofrenias e da paranóia principalmente. Não devemos, portanto, nos surpreender ao constatar uma forte adesão a esse modelo teórico por parte dos psicanalistas, mesmo aqueles que não se consideram lacanianos. Do nosso ponto de vista, esse modelo, embora inteiramen-

A noção de "empuxo à mulher" é um aspecto particularmente fecundo da abordagem lacaniana das psicoses, que a concebe como decorrência estrutural da ausência de significação fálica.

deramos particularmente fecundo, apesar de o concebermos de maneira bastante diversa daquela apresentada por Lacan. Trata-se da noção de “empuxo à mulher”. Tomando como exemplo os fenômenos de feminização vivenciados por

te construído a partir de uma teoria estruturalista do significante, contém elementos que podem ser desvinculados dessa teoria sem perder sua força e interesse, podendo até mesmo ganhar mais consistência a partir deste desvinculamento. Dentre



esses elementos destacamos a função paterna e sua relação com o posicionamento do sujeito frente ao sexo, o caráter reparador do delírio, a relação das alucinações com um elemento que não encontra inserção numa determinada continuidade ou encadeamento dos processos psíquicos e principalmente a importância da feminilidade na construção e manifestação dos delírios e alucinações. Desfazer a conexão existente entre esses elementos e a teoria estruturalista do significante significa, acima de tudo, superar o raciocínio binário do tipo “sim ou não?” e abrir a possibilidade para a concepção de diferentes graus tanto da exclusão ou isolamento de determinados conteúdos psíquicos, quanto dos efeitos daí decorrentes. Defendemos, portanto, uma abordagem continuísta em psicopatologia e consideramos que a ausência de desencadeamentos típicos, ou a não verificação de um nítido empuxo à mulher, ou ainda a inexistência de neologismos, por exemplo, não deveriam conduzir ao abandono da teoria da foraclusão do Nome-do-Pai, ou à redução da instauração da função paterna a uma simples modalidade de “amarração” dos registros RSI, sem destaque ou privilégios relativamente à infinita gama de “sintomas” destinados à conexão desses registros. A este respeito, nossa tese principal pode ser formulada nos seguintes termos: a instauração da função paterna e sua incidência reguladora (tanto no sentido da interdição quanto da propiciação) sobre a relação da criança com o outro primordial (a mãe) e sobre o posicionamento do sujeito em vias de constituição perante a diferença dos sexos, dos gêneros e das gerações é o processo psíquico fundamental na determinação do destino psicopatológico de qualquer sujeito. Que essa instauração da função paterna seja pensada em termos de metáfora e inclusão de um significante fundamental no grande Outro da linguagem, ou que ela seja

apresentada como resultado de uma inscrição filogenética, por exemplo, não altera em nada sua posição de privilégio na constituição do sujeito psíquico e apenas reforça a evidência de que qualquer fenômeno pode ser descrito de inúmeras maneiras. Da mesma forma, podemos dizer

portanto, que o conceito de foraclusão do Nome-do-Pai, embora comprometido com o que chamamos de constrangimento binário, encontra-se vinculado a uma apreensão teórica extremamente esclarecedora das mais diversas manifestações psicóticas, justificando,

**A** defesa de uma abordagem continuísta em psicopatologia não deveria conduzir ao abandono da teoria da foraclusão do Nome-do-Pai, nem a reduzir a instauração da função paterna a uma simples modalidade de “amarração” dos registros RSI.

que qualquer que seja a capacidade das sociedades em fazer vigorar a função paterna, quer elas padeçam de um excesso ou de uma insuficiência dos que ocupam a posição de pai, a importância da função permanece intacta. Isso quer dizer que nem o declínio da teoria estruturalista do significante ou de qualquer outra teoria, nem o suposto declínio histórico da importância das figuras do pai e da autoridade na sociedade contemporânea são suficientes para que se afirme um declínio correspondente na importância que a função paterna tem na constituição do psiquismo humano, pelo menos, enquanto os seres humanos nascerem incapazes de assegurar minimamente sua sobrevivência e forem submetidos à necessidade de se posicionarem frente ao constrangimento anatômico da diferença dos sexos e às diferentes modalidades de satisfação pulsional que daí advém. Podemos concluir,

assim, o interesse em tomá-lo como um importante marco teórico quando pensamos no avanço da abordagem psicanalítica das psicoses.

### **“Empuxo à mulher” e procriação: sinais de um extravio**

A possibilidade de preservar alguns dos aspectos mais interessantes e úteis da teoria lacaniana das psicoses formulada nos anos 50, desvencilhando-os dos efeitos constrangedores do binarismo estrutural encontra-se delineada no próprio Seminário sobre as psicoses. Ao lado de uma explicação da feminização de Schreber baseada inteiramente na falta do significante *ser pai* e na indução ao erro de querer suprir esta falta por meio de uma habilitação imaginária à gravidez, uma outra explicação (que não é apresentada como outra, mas como uma confir-



mação da primeira) permite uma apreensão bem diferente da transformação alucinatória de Schreber.

No início de seu Seminário sobre as psicoses, ao falar da condensação (*Verdichtung*) como a lei do mal-entendido, Lacan ressalta como é importante, para todo homem, poder satisfazer simbolicamente suas tendências femininas e preservar, ao mesmo tempo, sua virilidade nos planos do imaginário e do real. Receber a palavra falada, por exemplo, implica uma posição feminina que, para Lacan, não é apenas metafórica:

“A participação na relação de fala pode ter vários sentidos ao mesmo tempo, e uma das significações interessadas pode ser precisamente a de se satisfazer na posição feminina, como tal essencial a nosso ser.”<sup>7</sup>

Em contraposição a esta possibilidade de satisfação simbólica da

significação enorme não é a função *ser pai* e sim a feminilidade.

“Há manifestamente no caso do presidente Schreber uma significação que concerne o sujeito, mas que é rejeitada, e só se projeta de maneira mais esbatida em seu horizonte e sua ética — e cujo reaparecimento determina a invasão psicótica. Vocês verão a que ponto o que a determina é diferente do que determina a invasão neurótica — são condições estritamente opostas. No caso do presidente Schreber, essa significação rejeitada tem a mais estreita relação com essa bissexualidade primitiva de que eu lhes falava ainda há pouco. O presidente Schreber jamais integrou de forma alguma, tentaremos vê-lo no texto, nenhuma espécie de forma feminina.”<sup>8</sup>

A seqüência do Seminário sobre as psicoses mostra com clareza uma espécie de torção do pensa-

se-ia conceber que a simples rejeição ou recalque de alguma pulsão feminina experimentada na transferência com Flechsig pudesse ter levado Schreber a conceber seu “enorme delírio”. É interessante notar que a despeito de preservar, na escolha dos adjetivos, a devida proporção entre o *enorme* delírio e a *enorme* significação, Lacan considera que deveria haver “alguma coisa de um pouco mais proporcionado ao resultado que se trata”<sup>9</sup>. Trata-se, como já mencionamos, daquilo que Lacan considera ser a “função feminina em sua significação simbólica essencial, e que só podemos reencontrá-la ao nível da procriação”<sup>10</sup>. Só podemos nos surpreender diante desta estranha redução da dimensão simbólica da função feminina à procriação. Logo a procriação! Função que se confunde ou pelo menos se relaciona estreitamente com o “instinto materno”, considerado pelo Lacan dos *Propósitos diretivos* (texto de 1958, logo quase contemporâneo do seminário sobre as psicoses) como aquilo que escapa à mediação fálica e se constitui como não analisável.<sup>11</sup>

Dentre várias formas possíveis de relacionar a “enorme significação” feminina com a não menos importante significação paterna, Lacan escolheu a via da procriação porque, bem ou mal, ela lhe permitia subordinar todas as manifestações da psicose à ausência de um significante. Para ele, toda a feminização de Schreber deveria ser vista como conseqüência da foraclusão do significante paterno e não como expressão de moções pulsionais que atentavam contra a função paterna, colocavam-na em xeque, ou pelo menos tornavam-na problemática. Criar uma relação supostamente necessária entre a falta do significante *ser pai* e a “imagem” de um homem grávido é, ao nosso ver, uma evidência clara do efeito extraviante que a teoria do significante exerce sobre o pensamento de Lacan. É como se ele tivesse se perguntado

**C**riar uma relação supostamente necessária entre a falta do significante "ser pai" e a “imagem” de um homem grávido é uma evidência clara do efeito extraviante que a teoria do significante exerce sobre o pensamento de Lacan.

feminilidade, Lacan refere-se a Schreber para dizer que o fenômeno psicótico é a emergência, na realidade, de uma “significação enorme” que permanece isolada por não ter jamais podido entrar no sistema de simbolização. Curiosamente, essa

mento de Lacan imposta pela necessidade de inserir o isolamento/rejeição dessa “enorme significação” no quadro geral da foraclusão do Nome-do-Pai. O elo estabelecido entre uma e outra coisa é a procriação. Para Lacan, dificilmente poder-



como a feminização de Schreber poderia ser uma aparição no real dos significantes paterno e fálico foracluídos e concluiu-se que a procriação era a resposta. Se a significação fálica, que deveria ter sido instituída pela metáfora paterna, é

cia e interesse, acima de tudo, pelo fato de apontar para uma relação necessária entre a função paterna e a feminilidade, e, de uma forma mais ampla, para a inextricável relação entre as psicoses e o sexual. Chegamos assim a um ponto importan-

em meio a uma *bouffée délirante* caracterizada por um delírio de influência no qual a paciente se dizia fisicamente manipulada por seus vizinhos de alojamento universitário. Este caso, cujo acompanhamento foi interrompido prematuramente, suscitou o seguinte comentário da parte do analista que a atendeu:

**A** primazia da sexualidade, presente na clínica lacaniana dos anos 50, perde seu posto na segunda clínica em função do privilégio dos dispositivos destinados a manter coesos os registros RSI.

essencialmente a significação da falta, além de fazer surgir o significante *ser pai* no real, a procriação deveria também contemplar essa falta, fazendo com que, de alguma forma, ela surgisse no real. Neste sentido é que podemos entender a famosa frase, tanto mais repetida quanto menos entendida: “na falta de poder ser o falo que falta à mãe, restalhe a solução de ser a mulher que falta aos homens”<sup>12</sup>. E talvez, para torná-la mais clara, fosse preciso acrescentar: não se trata da mulher que os homens desejam ter, mas da mulher grávida que os homens não podem ser. O útero que falta aos homens equipara-se, nesta operação, ao falo que falta às mulheres. Assim, Schreber, transformado em matriz da nova raça, é nada menos que a aparição da falta no real.

Pois bem, apesar do extravio que a lógica do significante impõe à teoria lacaniana das psicoses nos anos 50, ela mantém sua importân-

te da análise do significado das “novidades” na teoria e na clínica lacanianas: a hegemonia do simbólico no Lacan dos anos 50 preserva, bem ou mal, a primazia do sexual que interessa à psicanálise, ou seja, do sexual inextricavelmente ligado à lei, à interdição e ao supereu. Por outro lado, a 2ª clínica e o Lacan 2, ao privilegiarem os dispositivos destinados a manter coesos os registros real, simbólico e imaginário, destituem o par sexualidade-interdição da posição central que Freud lhes atribuiu e perdem de vista sua primazia na constituição e no funcionamento normal e patológico do psiquismo humano.

Uma boa ilustração disso que acabamos de assinalar encontra-se nos comentários sobre um caso de psicose relatado pelos membros da seção clínica Aix-Marseille e Nice na Convenção de Antibes. Trata-se do caso de uma jovem sem antecedentes psiquiátricos, levada à internação

“O episódio psicótico se inicia em seguida a uma primeira relação sexual. Ela descreve então uma invasão do corpo por uma sensação estranha. O orgasmo assim descrito não é reconhecido como tal. Parece que este modo de desencadeamento não responde à configuração clássica do encontro com Um-Pai, tal como é evocado em ‘Questão preliminar a todo tratamento possível da psicose’. Parece, antes, tratar-se do encontro com um gozo enigmático por falta da significação fálica. Vale dizer que se trata mais do encontro de fo do que Po. É certo que é possível referir fo a Po: é a própria forclusão do Nome-do-Pai que é a condição de ausência da significação fálica. No entanto, é o encontro do gozo que é aqui o modo de desencadeamento.”<sup>13</sup>

A dificuldade que transparece neste comentário pode ser considerada uma excelente amostra da tentativa da 2ª clínica de substituir o Nome-do-Pai pelo gozo como principal referência teórica nas psicoses. Antes de mais nada cabe perguntar: por que o desencadeamento neste caso não responderia à configuração clássica? Vale dizer: como a primeira relação sexual de uma jovem poderia deixar de invocar o Nome-do-Pai em oposição simbólica ao sujeito? Em seguida, é inevitável também se perguntar por que a “invasão do corpo por uma sensação estranha” é tão imediatamente e tão singelamente equiparada ao orgasmo? O que fica evidente neste caso é o empenho de quem o relata em substituir a importância do significante paterno pela importân-



cia do real do gozo. Mas ao fazê-lo, é inevitável que a falta de significação fálica seja evocada e, por este viés, a forclusão do Nome-do-Pai volte obrigatoriamente à cena, já que fo remete a Po. Pouco importa que uma coisa remeta à outra, parece dizer o analista: o que de fato interessa é que o encontro com o gozo (e não com Um-Pai) foi o responsável pelo desencadeamento.

Se aplicássemos este raciocínio ao caso Schreber, poderíamos dizer que o desencadeamento se deu pelo encontro com o gozo que se expressava na idéia de como seria bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula. À semelhança da jovem psicótica francesa, que se sentia fisicamente manipulada pelos outros, poderíamos dizer que a estranha sensação experimentada por Schreber na noite que marcou o início de seu surto, desdobrou-se na

podido evitar todo um tortuoso percurso teórico destinado a reunir, via procriação, a feminização à falta do significante *Ser Pai*. Teria, por outro lado, corrido o risco de perder de vista a relação essencial entre o gozo e a interdição.

### **Todo mundo é louco sem querer?**

Estas considerações nos conduzem à seguinte conclusão: o privilégio concedido ao gozo pela mais recente orientação teórica lacaniana comporta dois aspectos cujos efeitos na teoria e na clínica devem ser avaliados de maneira totalmente diferente um do outro.

Por um lado, esse privilégio vem finalmente reconhecer um fato que nos parece evidente: o surgimento da psicose tem uma relação

mente, como diria Laplanche) no que ela apresenta de mais mortífero e “demoníaco”. Embora o registro do simbólico monopolize o sexual na visão lacaniana, o conceito de gozo, mesmo sendo assimilado ao real, não deveria desvincular-se do sexual. E o caráter enigmático, do qual ele se reveste nas psicoses, deve estar inteiramente associado à noção de “corpo estrangeiro interno”, com tudo o que isto implica em termos de ataque interno da pulsão, ou seja, de uma alteridade interna e constitutiva da subjetividade.

Por outro lado, esse privilégio concedido ao gozo, ao destituir o Nome-do-Pai da posição central que ele ocupava na teoria, corre o risco de reduzir a função paterna a uma simples modalidade de conexão psíquica, entre outras de igual importância. A este respeito, é fundamental esclarecer que o conceito de forclusão generalizada, um dos pilares da segunda clínica, vem colocar em relevo o fato de que a realidade depende de um assentimento do sujeito à função de ordenação que o significante-mestre tem sobre o conjunto do discurso. Trata-se, portanto, de um significante qualquer que, alçado arbitrariamente à condição de *maitre-mot*, passa a assegurar os efeitos de significação e a possibilidade de julgamento sobre a verdade e o erro, sem que sua função ordenadora possa ser questionada. A lógica da linguagem, por estar toda ela assentada sobre a base ilógica do assentimento incondicional, se oferece, permanentemente, à desarticulação deste pacto cego e à conseqüente decomposição da realidade. O psicótico não seria mais aquele a quem falta um significante específico, mas qualquer um que viesse a recusar essa arbitrariedade ilógica que institui a realidade<sup>14</sup>. Vale dizer: essa falta irreparável de um princípio lógico e não arbitrário capaz de ordenar a relação entre linguagem e significação implica uma espécie de fragilidade irreduzível da

**U**m dos pilares da segunda clínica, o conceito de forclusão generalizada, coloca em relevo o fato de que a realidade depende de um assentimento do sujeito à função de ordenação que o significante-mestre tem sobre o conjunto do discurso.

experiência alucinatória de transformação feminina e de abuso de seu corpo. E poderíamos concluir: o desencadeamento se deveu muito mais ao encontro com um gozo enigmático do que ao fato de ter sido nomeado *Senatspräsident* do Tribunal de Dresden, logo ao encontro de Um-Pai. Se Lacan tivesse empregado este raciocínio, teria

decisiva com exigências pulsionais que se apresentam como enigmáticas e ameaçadoras na justa medida de sua incompatibilidade com o que pode ser reconhecido como pertencente ao eu, ou seja, na medida de sua alteridade. É preciso, no entanto, preservar a idéia de que esta alteridade pulsional é eminentemente sexual, inclusive (ou principal-



realidade e institui uma situação de foraclusão generalizada, deslocando assim, radicalmente, a questão central sobre as psicoses: não se trata mais de explicar porque um determinado sujeito é psicótico, mas

dência a estreita relação da foraclusão com as formas pelas quais o pai se posiciona perante a lei:

“São personagens [alguns pais de psicóticos] freqüentemente mui-

Mesmo a unilateralidade comporta diferentes intensidades, pois, considerando-se que um lado não é um ponto, pode-se estar inteiramente de um lado e, ao mesmo tempo, mais ou menos próximo do outro lado. Da mesma forma, a “monstruosidade”, a “ambição” e o “autoritarismo desenfreado” são todas categorias quantificáveis, logo incompatíveis com abordagens do tipo binário: “monstruoso sim ou não?”, não é uma proposição admissível.

Tanto esta caracterização do tipo de personalidade paterna associada à etiologia das psicoses, quanto as observações sobre a impossibilidade de Schreber em integrar qualquer forma de bissexualidade psíquica são indícios de uma outra orientação da teoria lacaniana das psicoses, que não resistiu ao constrangimento binarista da teoria do significante e acabou por ser quase totalmente perdida. O processo de recuperação dessa orientação teórica, cujos indícios nos chamam a atenção, demandaria, basicamente, uma forma de articulação entre a foraclusão do Nome-do-Pai e a feminização que não tivesse que se curvar à lógica do significante e pudesse evitar o recurso enviesado à procriação. De forma um pouco mais abrangente e menos comprometida com a terminologia lacaniana, poderíamos dizer que essa orientação a ser recuperada diz respeito às condições de inscrição da função paterna e sua relação com forças pulsionais originárias, sob as quais se alinham as origens femininas da sexualidade e do sujeito psíquico.

Num livro que publicamos recentemente<sup>16</sup>, dedicamos algumas páginas ao estabelecimento das possíveis relações entre o surgimento do supereu e sua função nas neurose e psicoses. Nossa tese nesse livro pode ser resumida como uma defesa da existência de continuidade entre essas duas categorias diagnósticas. Partindo da formulação de uma identificação feminina primária

**N**o seminário sobre Schreber, Lacan põe em evidência a estreita relação da foraclusão com as formas pelas quais o pai se posiciona perante a lei.

de encontrar as razões para que nem todos o sejam. Uma vez que o Nome-do-Pai passa a ser um significante cujo poder de ordenação não se distingue estruturalmente do poder ordenador exibido por qualquer significante alçado à condição de significante-mestre, somos obrigados a concluir que o famoso aforismo de Lacan “não é louco quem quer” deveria ser transformado em “todo mundo é louco sem querer.”

É difícil imaginar Lacan, nos anos 50, modificando esta inscrição que ele fazia questão de exibir em sua sala no Hospital Saint-Anne; e mesmo nos anos 70, não nos parece tão certo que ele a renegaria. A força e precisão com que Lacan refere-se ao papel do pai no surgimento das psicoses em seu seminário de 1955-56 não deixa de ser um bom motivo para duvidar de uma mudança de perspectiva tão radical. Nesse seminário, Lacan põe em evi-

to marcadas por um estilo de irradiação e de sucesso, mas de maneira unilateral, no registro de uma ambição ou de um autoritarismo desenfreados, às vezes de um talento, de um gênio. Não é obrigatório que haja gênio, mérito, mediocridade ou maldade, basta que haja o unilateral e o monstruoso.”<sup>15</sup>

### **Função paterna e gradação**

Este aspecto da teoria lacaniana é essencial na medida em que associa uma característica do comportamento e da personalidade de uma determinada pessoa ao efeito de foraclusão do significante paterno. O que aí se delineia é a possibilidade de superar o caráter binário da foraclusão por meio de uma gradação dessas características. As pessoas podem ser pouco, não muito ou “muito marcadas por um estilo de irradiação e de sucesso”.



ria a ser recalçada em ambos os sexos, propusemos que a instauração da função paterna (compreendida de forma ampla: como representante da lei, agente da castração simbólica, ordenador da diferença dos sexos e das gerações etc.) depende inteiramente do grau de compatibilidade dos que se apresentam como agentes dessa função com as moções pulsionais femininas que prevalecem nos estados primitivos de constituição do eu. Para retomar os termos de Lacan, poderíamos dizer que nos piores casos de psicose a função paterna não se constitui como tal, justamente porque sua “monstruosidade” e “unilateralidade” manifesta-se como impedimento radical da integração de qualquer bissexualidade psíquica.

Podemos concluir então que o encontro com um gozo enigmático não pode ser independente da função paterna, ou seja, de sua maior

### **Continuidade ou descontinuidade: “Recorrer a Leibniz em caso de dificuldade”**

Os casos ditos raros ou inclassificáveis que se encontram na origem das inovações na teoria e na clínica lacanianas das psicoses suscitaram uma importante discussão sobre a existência ou não de continuidade entre neurose e psicose. Se é, por um lado, evidente que uma grande maioria de lacanianos insiste em defender a manutenção da hipótese descontinuísta, por outro lado, existem aqueles que não estão tão convencidos dessa bipartição tão bem delimitada e se perguntam como mantê-la na ausência deste divisor de águas até então supostamente infalível, que era a foraclusão do Nome-do-Pai.

Do lado dos que pretendem manter o descontinuísmo, as estratégias variam. Jean-Pierre Deffieux,

polimento, está apta a acolher sob a categoria das psicoses uma vasta gama do que se denomina atualmente de casos raros, e que correm o risco de receber diagnósticos os mais variados (borderline, neurose narcísica, distúrbio do humor, histeria etc.), dependendo da formação e orientação teórica do profissional que diagnostica. Em outras palavras, esses casos raros, na verdade, não seriam assim tão raros e poderiam todos ser englobados numa nova concepção de psicose, fundada na foraclusão generalizada e na clínica universal do delírio.

Nesta mesma linha de defesa da hipótese descontinuísta, encontramos a idéia de uma gradação no interior do campo das psicoses, de tal forma que a própria neurose poderia ser considerada como um subconjunto da psicose.<sup>17</sup> Trata-se, neste caso, muito mais de uma espécie de monismo que de descontinuísmo. Sobre esta estratégia de manutenção da hipótese descontinuísta, cabe assinalar que a idéia de gradação dentro de uma mesma estrutura contraria a própria lógica estrutural, se consideramos que esta última opera a partir da pura diferença, ou seja, da combinação de elementos cujos conteúdos ou significados não devem ser levados em conta. Estabelecer graus dentro da estrutura equivaleria, portanto, a dar dimensão ao que deveria ser pontual, ou a conferir qualidades e intensidades ao que deveria ser tratado como pura diferença. Em outras palavras, é como se a pergunta “Nome-do-Pai, sim ou não?” pudesse ser substituída por “Nome-do-Pai, muito ou pouco?” sem contrariar a lógica binária que a preside.

Com efeito, na clínica da conexão, dos nós ou do sintoma, a pergunta chave deixou de ser “Nome-do-Pai, sim ou não?” e passou a ser formulada a partir do privilégio concedido à presença ou não de um ponto de capitoné capaz de sustentar a amarração dos registros RSI.

**A** “clínica da conexão” sugere uma continuidade entre as condições originárias do sujeito psíquico e a introdução da Lei, entre neurose e psicose.

ou menor eficácia, de sua maior ou menor capacidade em formar compromissos e permitir simbolizações. A “clínica da conexão” deve ser, então, uma clínica da continuidade entre as condições originárias do sujeito psíquico e a introdução da Lei.

por exemplo, em sua apresentação na *Conversação de Arcachon*, defende a manutenção da “barreira estrutural” entre neurose e psicose e não hesita em dizer que a “clínica do sintoma”, em que pese sua necessidade de ainda receber algum



Contudo, apesar do empenho em preservar o ponto de vista descontinuísta, a idéia de gradação acaba por se insinuar e produzir desconforto. Na *Conversação de Arcahon*, por exemplo, J-A Miller chega, num primeiro momento, a afirmar que:

“Do lado do binário clássico neurose-psicose, temos um traço distintivo pertinente, *Nome-do-Pai, sim ou não*, que corresponde ao princípio lévi-straussiano. Em com-

argumentação:

“Antes da resposta clínica, quero dar uma respostinha sobre a gradação. O senhor não é bastante leibniziano, mas eu acho que o sou perfeitamente. Leibniz é capaz de dizer que o repouso é um caso limite do desenvolvimento, e demonstrá-lo. É articular conceitualmente o descontínuo e o contínuo. De um lado, claro que o repouso se opõe ao movimento, são dois conceitos polares, mas segun-

uma psicose que mantém seu curso continuamente do que uma psicose com sobressaltos:

“Não acho necessário fazer tudo girar em torno da questão contínuo e descontínuo, pois acaba-se como nas viagens de Gulliver ponta grossa contra ponta fina. O único ponto de fato interessante é prático: Como fazer para que a evolução do sujeito seja de preferência contínua sobre descontínua, isto é, evitar-lhe crises, desencadeamentos, pausas? Em nível teórico eu lhes proponho a solução leibniziana. Leibniz sempre achou fórmulas para ser tudo compatível. Então, ele pode nos ajudar também. Recorrer a Leibniz em caso de dificuldade.”<sup>21</sup>

**A**o dar destaque para o gozo enigmático e privilegiar o real, a segunda clínica lacaniana abre-se para uma dimensão do sexual muito mais ampla do que aquela que se restringe à castração e ao falo.

### **O real é sexual e o gozo mais ainda**

A hipótese de continuidade entre as estruturas clínicas pode ser vista como uma espécie de entumescimento do ponto, ou como a presença de viscosidade onde se acreditava prevalecer a dureza diamantina. Estamos, portanto, diante de um problema nada gulliveriano, cuja verdadeira dimensão só pode ser devidamente avaliada quando consideramos que é a própria separação entre o real e o sexual que está em jogo.

Ao dar destaque para o gozo enigmático e privilegiar o real, a 2ª clínica lacaniana, mesmo sem poder admiti-lo, abre-se para uma dimensão do sexual muito mais ampla do que aquela restrita à castração e ao falo. Além disto, o contraste entre a destituição da centralidade da forclusão do Nome-do-Pai na teoria e a tenacidade com que este conceito adere às descrições clínicas sugere que a 2ª clínica, mesmo privilegiando o real e tentando livrar-se do bordão “Nome-do-Pai, sim ou não?”, encontra grande dificuldade em se descolar da função paterna. Em outros termos, poderí-

pensação, lendo as exposições [dos casos clínicos apresentados na *Conversação*], é mais difícil indicar precisamente qual é o elemento diferencial da segunda formalização. É mais uma gradação do que uma oposição definida, que temos. É por isso, efetivamente (...) que eu via esta formalização mais continuísta, em oposição à descontinuidade da primeira.”<sup>18</sup>

Curiosamente, ao ser interpelado por um dos participantes da *Conversação*<sup>19</sup>, que se dizia perturbado pela introdução da idéia de gradação na clínica dos nós, J-A Miller se defende com a seguinte

do outra perspectiva o repouso não é senão o caso limite, uma extenuação, do contínuo do movimento. Vejo que Berghem, que estudou filosofia, se diverte. É aproximativo, decerto. Fiquemos com a clínica.”<sup>20</sup>

Não é preciso ter estudado filosofia para se divertir com este tipo de argumentação. É, de fato, muito divertido observar Miller tirar o colinho da descontinuidade da cartola da gradação. Mas não deixa de ser também divertido observá-lo dar um salto inesperado da descontinuidade entre neurose e psicose para a continuidade do processo patológico, dando a entender que é melhor



amos dizer que, na clínica dos nós, não é fácil saber se o segmento do sexual pertence à alça do real ou ao anel do simbólico. A continuidade entre neurose e psicose decorre, assim, em última instância, da impossibilidade de confinamento do sexual no simbólico e sua lógica binária. Do nosso ponto de vista, para que a 2ª clínica seja de fato portadora de uma novidade, ela deverá considerar que o real é sexual e o gozo mais ainda.

série de evidências que a desqualificam, para garantir a continuidade no âmbito da doutrina e reforçar todos aqueles que por tanto tempo fizeram da teoria linguístico-estrutural do inconsciente o a e o w da clínica das neuroses e psicoses.

Cabe aqui recordar a fala de J-A Miller na *Conversação de Arcachon*: "Leibniz sempre achou fórmulas para ser tudo compatível. Então, ele pode nos ajudar também. Recorrer sempre a Leibniz em caso

velmente intransponíveis. Mas se a dificuldade encontrada situa-se na preservação da pura diferença e da descontinuidade das estruturas, Leibniz talvez não seja tão útil. Melhor seria permanecer com Lévi-Strauss. ■

A continuidade entre  
neurose e psicose decorre, assim, em  
última instância, da impossibilidade  
de confinamento do  
sexual no simbólico e sua lógica  
binária.

Podemos então concluir que, num momento em que a mais recente orientação da teoria e da clínica lacaniana convida à superação de várias descontinuidades, a reafirmação da barreira estrutural entre neurose e psicose não deixa de surpreender e sugerir um esforço insensato de assegurar o contínuo entre a adesão fervorosa à abordagem linguístico-estrutural, que vigorou de forma quase absoluta entre a maioria dos lacanianos até há bem pouco tempo, e a recente adoção de novas diretrizes teóricas e novas abordagens clínicas, em muitos aspectos incompatíveis com as posições anteriores. A reafirmação da barreira estrutural entre neurose e psicose desconsidera uma

de dificuldade". Vale dizer: se nos deparamos com a continuidade justamente no lugar onde, por tanto tempo, afirmamos peremptoriamente a descontinuidade, lancemos mão de uma filosofia da continuidade para dizermos que entre continuidade e descontinuidade existe continuidade. Com certeza, não apenas Leibniz, mas também Derrida, entre outros, podem ajudar. Mas não a tornar tudo compatível, quando a incompatibilidade dos diferentes momentos de um pensamento produz estrangimentos nos que pretendiam falar em nome da Verdade. Eles podem ajudar a superar oposições pretensamente insuperáveis, identidades supostamente bem estabelecidas e barreiras presumi-

#### NOTAS

1. Éric Laurent, "Há algo de novo nas psicoses", *Curinga-Escola Brasileira de Psicanálise - MG*, nº 14, Belo Horizonte, 2000, pp. 152-163.
2. *La Convention d'Antibes*, Ed. Institut du Champ Freudien, Paris, 1998, p. 47.
3. Uma boa abordagem desta questão foi feita por Laplanche no seguinte artigo: "El structuralismo, sin o no?", *Trabajo del Psicoanálisis*, vol. 1, nº 1, México, 1981, pp. 15-34.
4. Cf. Gilson Ianinni, "Cartografia de um desencontro: estrutura e sujeito em Jacques Lacan", in *Psicanálise e filosofia, O futuro de um mal-estar* (G. Massara & A. Teixeira, org.), Ed. Ópera Prima, Belo Horizonte, 2000.
5. Cf. "Le facteur de la vérité" in, *La carte postale, de Socrate à Freud et au-delà*: Spéculer - sur "Freud". Paris: Flammarion, 1980.
6. Uma longa discussão sobre este ponto encontra-se no último capítulo do nosso livro *O problema da identificação em Freud, Recalcamento da identificação feminina primária*, São Paulo: Escuta, 2000.
7. Jacques Lacan, *O seminário, livro 3. As Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985, p. 100.
8. *Ibid.*, p. 102.
9. *Ibid.*, p. 105.
10. *Ibid.*, p. 105.
11. Cf. "Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine", in *Écrits*, Paris: Seuil, 1966, p. 730. A respeito desta questão, remetemos o leitor interessado a dois outros livros: 1) Luiz Carlos Tarelho, *Paranoia et théorie de la séduction généralisée*, Paris: PUF, 1999, p. 99 e seguintes. 2) Jacques André, *Aux origines féminines de la sexualité*, Paris: PUF, 1995, p. 63.
12. *Écrits*, op. cit. p. 566. (Nós traduzimos)
13. *La Convention d'Antibes: Le néo-déclenchement, La Néo-conversion, Le néo-transfert*, Institut du Champ Freudien, Paris, 1998, p. 22.
14. Cf. Antônio Teixeira, "Forclusão Generalizada: como é possível não ser louco?", *Curinga*, nº 14, Belo Horizonte, 2000, pp. 60-65.
15. *Ibid.*, p. 232.
16. Paulo de Carvalho Ribeiro, *O problema da identificação em Freud, Recalcamento da identificação feminina primária*, São Paulo: Escuta, 2000.
17. Cf. Marcia Rosa, "Forclusão e fenômenos elementares", *Curinga*, op. cit., p. 31.
18. *Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica, A Conversação de Arcachon*, São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1997, p. 105.
19. Trata-se de Herbert Wachsberg, op. cit. p. 109.
20. Op. cit., p. 109.
21. Op. cit., p. 112.